

## O Futuro das bibliotecas pós-Google Books

*The future of libraries after Google Books*

por Renato Vieira da Assunção e Cley Arthur Miranda Reis

**Resumo:** Pouquíssimas instituições sobreviveram por tanto tempo e se desenvolveram sob formas tão variadas quanto a Biblioteca, que se adaptou e evoluiu diante de sociedades com estruturas e escalas de valores tão distintas quanto as que existiram no período da Antiguidade, da Idade Média, do mundo Moderno e até mesmo as que existem na contemporaneidade. Este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de evidenciar qual seria o futuro das bibliotecas convencionais diante do novo conceito de biblioteca iniciado com o Google Books. Investiga-se neste trabalho a polêmica a respeito da possibilidade desse novo serviço da gigante empresa de informática Google ameaçar a existência das bibliotecas tradicionais de pesquisas. Serão apresentados aspectos positivos e negativos deste projeto ambicioso que supostamente seria responsável por organizar e disseminar toda a informação e o conhecimento produzido pelo homem no decorrer do seu desenvolvimento. Argumenta-se também sobre os principais entraves que estão ao redor deste que é considerado atualmente como o maior projeto de digitalização de livros, como as barreiras impostas pelas legislações que amparam os direitos autorais.

**Palavras-chave:** Biblioteca digital; Bibliotecas tradicionais; Google books; Tecnologia da informação; Direitos autorais; Obras órfãs.

**Abstract:** Very few institutions have survived for so long time and developed in ways as varied as the Library, that has adapted and evolved in the face of societies with structures and scales of values as distinct as those that existed during the period of Antiquity, Dark Ages, Modern world and even those that exist contemporaneity. This work began of a bibliographical research, with the objective to evidence which would be the future of the conventional libraries ahead of the new concept of library initiated with the Google Books. This work investigates the controversy about the possibility of this new service the giant computer company Google threatens the very existence of traditional research libraries. Will be presented positive and negative aspects of this ambitious project that was supposed to be responsible for organizing and disseminate all the information and knowledge produced by humans in the course of its development. It is also argued on the main barriers that are around that this is currently regarded as the biggest project of digitization of books, like the barriers imposed by laws that support the copyright.

**Key-words:** Digital library; Traditional libraries; Google books; Information technology; Copyrights; Orphan works.

### Introdução

Dentre as questões que hoje provocam polêmica em torno do controle ao acesso à informação e ao conhecimento, certamente, o Google Books Search toma lugar de destaque. Editores, escritores, bibliotecários e bibliófilos acusam o gigante Google de tentar controlar e obter lucro com a digitalização em massa de livros pertencentes aos grandes acervos das maiores bibliotecas do mundo. Entretanto, a empresa defende-se, sob o argumento deste projeto fazer parte da sua missão de organizar todas as informações do mundo e torná-las universalmente acessíveis e úteis. Trabalho semelhante ao desenvolvido pelas bibliotecas há milhares de anos.

Quando o Google anunciou ainda em 2004, que iria digitalizar cerca de 15 milhões de livros de bibliotecas norte-americanas e britânicas, com a finalidade de criar a maior biblioteca digital do mundo, o mercado editorial e os diretores de bibliotecas ao redor do mundo reagiram imediatamente. Questionava-se então, o que uma empresa poderia fazer ao assumir o controle desta enorme quantidade de informação. Seria então, o nascimento do maior monopólio do conhecimento existente na história e a possível extinção das bibliotecas? Ou, a concretização do sonho mítico da biblioteca universal?

Desde Alexandria, várias personalidades históricas tentaram concretizar o sonho da biblioteca universal, na tentativa de reunir em um único lugar todo o conhecimento produzido pelo homem durante sua existência. Todavia, o Google possivelmente foi quem até hoje, deteve as melhores ferramentas para tornar este sonho realidade. No entanto, sob a expectativa de realizar este sonho, pode-se esconder o início de um grande pesadelo para a sociedade contemporânea com o controle total da informação por uma única empresa. A sociedade desde o início do projeto esteve em meio a um

grande dilema, aceitar as regras impostas pelo Google para a efetivação desta que poderia eventualmente ser a maior biblioteca construída na história, onde iria-se armazenar e disseminar toda a informação e conhecimento produzido no desenvolvimento da humanidade, ou simplesmente recusar e abdicar do sonho da biblioteca universal.

Mesmo rodeado de controvérsias o Google iniciou efetivamente este projeto no ano de 2005. A princípio sabia-se muito pouco a respeito das suas reais pretensões, e a empresa não esclarecia quais eram seus procedimentos técnicos e seus critérios de seleções de materiais para digitalização. Isto foi o suficiente para despertar a ira de Jean-Noël Jeanneney, então presidente da Biblioteca Nacional da França. Em pouco tempo a sociedade pôde perceber que o Google estava disposto a tudo para efetivar seu projeto. Mesmo com acordos firmados com grandes Bibliotecas, a empresa atropelou as questões legais referentes a direitos autorais. O que consequentemente resultou em uma tempestade de ações judiciais, partindo principalmente de autores e editores.

Na França, pode-se perceber um movimento muito forte de resistência à hegemonia e pioneirismos do Google na digitalização de livros em escala jamais vista antes. Evidentemente, o *Google Books* não foi o primeiro projeto de digitalização que pode ser visto, desde a década de 1970 com o Projeto Gutenberg digitalizavam-se livros. No entanto, nenhum projeto anterior ao Google Books Search teve pretensões tão audaciosas quanto as suas. Apresenta-se neste trabalho inicialmente a trajetória conturbada do maior projeto de digitalização de livros visto na história. Apontando seus idealizadores, suas principais inspirações e seus principais parceiros. Mostrando de forma clara o desenrolar de uma trajetória polêmica recheada de fatores marcantes que tem tomado destaque na sociedade atual.

Em seguida, apresenta-se uma breve reflexão a respeito dos avanços tecnológicos que modificaram de forma profunda a realidade das bibliotecas, acarretando na quebra de paradigmas e na mudança no contexto da biblioteca, de modo geral, diante de uma nova realidade global. Por fim, trata-se da polêmica da extinção das bibliotecas e das controvérsias a respeito. Argumentando acerca da íntima relação entre as bibliotecas e a tecnologia, que possibilitou o surgimento das bibliotecas digitais, como o próprio *Google Books Search*. Discute-se a real ameaça que este projeto poderia trazer para existência das bibliotecas, e da possibilidade da empresa em concretizar o sonho mítico da biblioteca universal ou a criação de um monopólio do conhecimento e da informação. Aborda-se também as questões legais que envolvem o projeto, ressaltando as controvérsias de direitos autorais que tem sido o principal motivo das ações judiciais que o projeto está envolvido. Destacando as medidas que a empresa tem tomado para remediar estes problemas, como os acordos assinados entre o Google e os detentores dos direitos. Embora, algumas obras intituladas órfãs tenham motivado novas polêmicas a respeito do assunto.

### **A conturbada história do Google Books**

É imprescindível, para compreender um determinado fenômeno, o real conhecimento da sua história, da sua origem, do seu desenvolvimento e, principalmente entender os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos até mesmo os ideológicos que o influenciaram. Este fato torna-se extremamente verídico quando estamos tratando de um assunto tão dinâmico quanto controverso, como o Google Books. O polêmico projeto de digitalização em massa de livros foi concebido pelo Google em 2002, inicialmente com o nome de *Google Print*. No entanto seu embrião começa a ser gerado muito antes, ainda quando os fundadores da empresa, *Larry Page e Sergey Brin*, eram estudantes de Ciência da Computação e desenvolviam um projeto de pesquisa apoiado pelo *Stanford Digital Library Technologies Project* ([Google](#), 2012).

Neste Projeto de tecnologias da biblioteca digital de Stanford, Larry e Sergey trabalhavam para fazer funcionar as bibliotecas digitais da Stanford. Logo, suas mentes ambiciosas e brilhantes perceberam que no futuro seria interessante e lucrativo disponibilizar grandes coleções de livros em formato digital. Em meados de 2002, “*Googlers*” – como são chamados os funcionários do Google, – lançam um projeto secreto intitulado “*Books*”. Abre-se dentro da empresa discussões a respeito dos desafios no porvir da digitalização de livros. E logo aparece o ambicioso questionamento do projeto: “quanto tempo levaria para digitalizar todos os livros do mundo?” ([Google](#), 2012). Larry Page toma a frente do *Google Books*, e inspira-se em projetos pioneiros de digitalização como o Gutenberg, que em 1971 deu origem ao e-book, e outros como American Memory da biblioteca do Congresso Norte-americano, *Million Book Project* da *Universidade de Carnegie Mellon* (E.U.A.), *Universal Library* entre outros.

Em uma jornada para conhecer o desenvolvimento de outros projetos de digitalização em andamento, Larry descobre que a Universidade de Michigan estimava em mil anos o tempo necessário para digitalizar seu acervo de sete milhões de livros. Então, Larry Page declara à presidente da Universidade, Mary Sue Coleman, que com o Google esse projeto poderia ser concretizado em apenas seis anos ([Google](#), 2012). Em 2003, o Google deu passos importantíssimos para o desenvolvimento do projeto. Neste período a equipe testa e consegue desenvolver técnicas novas de digitalização menos nocivas e mais eficientes. Conseguindo resolver questões como as referentes à digitalização de livros com tamanhos e formatos diferentes, assim como fontes incomuns, além do significativo avanço na velocidade com que os livros seriam digitalizados.

A partir de 2004 a dinâmica do Google Books começa a mudar tomando um ritmo frenético. Para autores como [Jeanneney](#) (2006) a história do projeto começa neste ano com o anuncio da parceria entre o Google e bibliotecas britânicas e norte-americanas. A empresa tinha percebido quão era valioso os acervos bibliográficos dessas centenárias bibliotecas.

### **Quando o Google Books sacudiu o mundo**

No dia 14 de dezembro de 2004 em *Mountain View*, na Califórnia, Larry Page e Sergey Brin sacodem o mundo ao anunciar na sede da empresa o início do projeto “*Google Print*” ([Google](#), 2011). Seu objetivo era digitalizar 15 milhões de livros impressos em apenas seis anos, o que seria por volta de 4,5 bilhões de páginas. Esse ambicioso passo foi dado a partir de um acordo fechado entre o Google e as bibliotecas de *Havard, Stanford, Universidade de Michigan, Oxford e a New York Public Library*. A respeito de anúncio do Google de ter um projeto objetivando digitalizar centenas de milhares de livros impressos pertencentes aos acervos das maiores bibliotecas do mundo, [Jeanneney](#) (2006, p. 8-9) fez uma ressalva: “*Certamente o anúncio desse projeto faraônico, proposto na ocasião sob o nome de Google Print, não estava isento de obscuridade, especialmente em relação aos procedimentos técnicos considerados, à logística difícil de pôr em prática, à capacidade de conservação de produtos digitalizados, à natureza dos financiamentos e ao respeito dos direitos de autores e editores.*”

[Jeanneney](#) (2006) destaca que as Universidades de *Stanford e de Michigan* estavam decididas a pôr todas as suas riquezas à disposição dos empresários Larry e Sergey, que por sua vez estavam ansiosos para difundir toda essa preciosidade via Internet. *Widener*, de *Havard*, assim como a *Bodleian Library, de Oxford e a New York Public Library* também estavam dispostas a oferecer milhares de obras para contribuir com o projeto.

A partir do anúncio deste projeto houve varias especulações e expectativas a seu respeito: Acreditava-se que esta nova ferramenta poderia concretizar o sonho secular da biblioteca universal, tão almejada pela sociedade desde Alexandria. No entanto, percebia-se que por se tratar de um projeto vinculado a uma grande empresa de investimentos privados, a sociedade poderia está dando um tiro no pé, ao incentivar o nascimento do maior monopólio da informação e do conhecimento, que consequentemente poderia acarretar à extinção de muitas instituições, dentre as quais as próprias bibliotecas de pesquisas.

A respeito destas possibilidades [Jeanneney](#) (2006, p. 9) argumentou:

*“Havia, em primeiro lugar, a satisfação de ver concretizar-se um velho sonho, formulado pouco a pouco, desde que as novas tecnologias começaram a progredir: o de uma magnífica abertura das riquezas do saber acumulados ao longo dos séculos em benefício de todos, especialmente daqueles cuja sorte familiar, sociológica ou geográfica dificulta ou impede o acesso ao patrimônio cultural e intelectual da humanidade. Ao mesmo tempo, porém, manifestava-se uma irrefreável inquietação. Era preciso, a qualquer preço, preocupar-se com o processo por meio do qual se definiria a arquitetura desse imponente conjunto prometido a nossa sede de conhecimento.”*

[Darnton](#) (2010) enxergava a perspectiva de abrir as portas das bibliotecas de pesquisas para o mundo através da Internet como positiva. No entanto, dever-se-ia ter prudência neste processo de tornar os acervos disponíveis a leitores de todos os lugares do mundo, usando o intermédio de uma empresa como o Google.

## **De Google Print para Google Books Search**

Em 2005, um ano após a estreia do projeto intitulado de *Google Print*, a equipe da empresa segue para Feira de livros de Frankfurt para revelar que o projeto passa a aceitar parceiros de oito países europeus: Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha e Suíça ([Google](#), 2012).

Neste mesmo período o Google doou 3 milhões de dólares à biblioteca do Congresso Norte-americano contribuindo para a construção da World Digital Library, sob a justificativa de que a biblioteca e a empresa compartilham uma missão em comum: organizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente acessíveis e úteis ([Library of Congress](#), 2005). Ainda em 2005 o Google anuncia a mudança de nome do projeto que iniciou com o nome de *Google Print para Google Books Search*. A troca de nome aconteceu pelo fato da confusão que estava acontecendo entre os usuários que acreditavam que poder-se-ia imprimir todos os objetos que eram localizados (Lacki, 2008 apud [Codina; Abadal](#), 2010). A empresa acreditava que o novo nome refletiria melhor o uso que as pessoas poderiam fazer da ferramenta.

Esse ano ficou marcado também pelas controvérsias que rodeavam o projeto. Em janeiro de 2005, Jean-Noël Jeanneney então presidente da Biblioteca Nacional da França, rompe o silêncio, – relativamente geral da sociedade, publicando matérias no *Le Monde*, contra-atacando por meio de críticas as pretensões do *Google Books* de digitalizar acervos de bibliotecas públicas, argumentando a respeito de uma reação europeia à hegemonia norte-americana na recepção e no tratamento das buscas efetuadas na Internet.

## ***Google Books Search: as controvérsias continuam***

No ano de 2006, os passos que o Google pretende dar com o seu projeto mais ambicioso estavam muito bem determinados. No entanto, os ataques contra o *Google Books* continuaram, agora não mais por meios de posicionamentos ideológicos como fazia Jean-Noël Jeanneney. Desta vez as invertidas partiam de todos os lados, era uma enxurrada de ações judiciais contra a empresa, na sua maioria referente à violação dos direitos autorais.

Ainda em 2005 o Google teve problemas com a *Authors Guild* e a Associação de Editores Americanos, entidade que reúne as principais editoras norte-americanas. Em um tribunal de Manhattan, cinco grandes editoras: *McGraw-Hill*, *Pearson Education*, *Penguin Group*, *Simon & Schuster* e *John Wiley & Sons*, entraram com ação judicial para cancelar os planos do Google de digitalizar livros em massa ([Association of American Publishers](#), 2012). Em junho de 2006, a editora francesa *La Martinière* ataca o Google com uma ação judicial contra o seu projeto de digitalização de livros.

Posteriormente viriam investidas do Sindicato Nacional da Edição, da Sociedade dos letrados, assim como também de grupos formados por grandes empresas. Temos como exemplo a *Open Book Alliance*, um grupo formado pelas gigantes *Amazon*, *Microsoft*, *Yahoo* e outras organizações.

A editora *La Martinière* solicitava do Google uma indenização de 15 milhões de euros, por infringir os direitos autorais da editora ao ter digitalizado suas obras sem prévia autorização. No entanto, em meados de 2009 o Google foi condenado por um tribunal em Paris a pagar 300 mil euros para a editora, além de parar a digitalização de seus livros. Porém, o Google recorre da sentença, e o desenrolar dessa polêmica batalha terminou em agosto de 2011 quando as duas empresas acabam por entrar em um acordo ([Pfanner](#), 2011).

Na França, processos contra a iniciativa do Google de digitalizar livros não são exclusividades da *La Martinière*, a gigante empresa de busca continua com problemas judiciais com várias outras editoras, dentre elas *Albin Michel*, *Flammarion* e *Gallimard*. A cada ano a empresa vem acumulando um número maior de ações judiciais em diversos países. Nos últimos anos a França tem se mostrado como a nação mais incomodada com as ambições da empresa norte-americana.

## **A reação do Google**

Em meio a constantes ataques desde o início do projeto, o Google reage tentando buscar novos parceiros. Desde seu grandioso anúncio em 2004 até os dias atuais, a empresa vem publicando acordos de colaborações e parcerias que na sua maioria tem sempre duas fontes: bibliotecas e editoras.

Segundo [Barron](#) (2011), o *Google Books* trabalha hoje com mais de 35.000 editoras parceiras em todo o mundo, além de 40 grandes bibliotecas, incluindo 12 somente na Europa. Em 2007, o Google fechou

acordo com instituições como: Universidade do Texas, *Bavarian State Library*, Universidade de Lausanne, Universidade de Ghent, Committee on Institutional Cooperation, Universidade de Cornell, Universidade de Columbia, até mesmo com a Universidade de Keio que foi a primeira instituição japonesa a disponibilizar o acervo de sua biblioteca para o projeto ([Google](#), 2012).

A partir de 2008 a relação entre a empresa e as editoras ficou mais sólida. Neste período o *Google Books* acumulava uma quantia superior a 7 milhões de livros digitalizados, destes 1 milhão estão disponíveis na íntegra, amparados por acordos entre o Google e as editoras; 1 milhão são obras em domínio público e 5 milhões são obras que estão fora de catálogo, no entanto com exibição apenas de trechos ([Perez](#), 2008). Enquanto em 2009 o Google desgastava-se em meio aos desdobramentos das ações judiciais que eram movidas contra o seu projeto de digitalização, em 2010 a empresa acumulou feitos grandiosos na sua trajetória. Em junho de 2010 o Google Books atingiu o patamar de 12 milhões de livros digitalizados, além de criar mais uma polêmica ao estimar que existiria por volta de 130 milhões de livros publicados em todo o mundo ([Jackson](#), 2010). O projeto faraônico do Google Books Search caminha rumo à concretização do objetivo de ser a maior biblioteca digital existente, terminando o ano de 2011 com mais de 13 milhões de livros digitalizados, em mais de 480 idiomas ([Barron](#), 2011; [Jackson](#), 2010). E tudo indica que nos anos posteriores o projeto trará novos feitos surpreendentes, além é claro, de novas controvérsias e batalhas judiciais.

### **A Revolução das Tecnologias da Informação**

Em um cenário de constantes transformações e quebras de paradigmas que a sociedade vem vivendo nos últimos anos, destaca-se as tecnologias de informação como fator central deste ciclo de mudanças. Um dos fatores que modifica completamente o contexto das bibliotecas diante da sociedade contemporânea diz respeito à evolução frenética das tecnologias, em especial das redes de informação. “As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais” ([Castells](#), 2007, p. 57). “A biblioteca como instituição social não poderia ficar alheia as constantes mudanças advindas das tecnologias, sob pena, de aceitar sua própria extinção diante de uma sociedade cada vez mais dependente de tecnologia e exigente quanto aos serviços prestados pela biblioteca” ([Assunção](#), 2011, p. 53).

A partir da segunda metade do século XX, iniciou-se um processo de transformações profundas nos contextos sociais, culturais e econômicas. Era o cenário de mudança do paradigma tecnológico movido pelo advento da tecnologia da informação. Nos anos de 1990 esse processo tomou proporções imensuráveis, sendo perceptível em escala global, alcançando status de Revolução: “O processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida” ([Castells](#), 2007, p. 68).

Dever-se levar em consideração que o advento da tecnologia da informação tem transformado profundamente a realidade das bibliotecas desde a primeira metade do século XX. Com a Internet esse cenário de transformação se intensificou, tomando proporções jamais imaginadas. A evolução frenética das tecnologias da informação e comunicação tem feito com que as pessoas mudem seus hábitos. Hoje, não é preciso sair de casa para ter acesso a uma diversidade imensurável de informações disponível por meio das redes de computadores. No entanto, isto não torna a biblioteca uma instituição sujeita a extinção, principalmente pelo fato da Globalização da informação não ser um processo democrático, havendo grandes disparidades sociais e econômicas, bem como os estilos de uso e aprendizagem dos leitores, que ainda preferem o livro impresso seja por fetiche ou por afetividade incondicional ao manuseio deste secular objeto cultural, pois como aduz [Araújo](#) (2010): “O livro não vai acabar porque ele é tão definitivo quanto a roda”.

### **A utopia da extinção das bibliotecas**

Na literatura percebe-se que a questão do desaparecimento das bibliotecas de pesquisa, – quando se refere ao *Google Books*, é sempre tratado de forma secundária à questão dos livros. Na maioria das vezes, – para não dizer na sua totalidade, os livros sempre tomam lugar de destaque nesta polêmica, como se as bibliotecas existissem exclusivamente em função do livro. Paradigma este que já foi quebrado há bastante tempo, as bibliotecas existem em função da informação e do conhecimento que deve ser preservado e disseminado, independente do suporte que estes estejam contidos. Autores como [Eco e Carrière](#) (2010) discutem como ninguém a problemática do desaparecimento do livro impresso,

mas deixam a desejar quando se trata da extinção das bibliotecas, pois sua discussão limita-se a questão dos livros. No entanto, estes autores defendem o ponto de vista que tanto os livros, tão quando as bibliotecas, estão longe de desaparecer. O livro eletrônico não substituiria o livro impresso, tão pouco a biblioteca digital substituiria de forma total a biblioteca tradicional, eles tendem a coexistir: "Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão, o cinema? Boas-vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal doravante digitalizada" ([Eco: Carrière](#), 2010, p. 8).

Dentre os autores que tratam de forma mais abrangente a temática do futuro das bibliotecas e a possibilidade do seu desaparecimento, pode-se destacar Robert Darnton. Para [Darnton](#) (2010) a polêmica do desaparecimento das bibliotecas de pesquisas não é algo novo, assim como o sonho da biblioteca universal. Basicamente essa polêmica gira em torno de duas vertentes: o excesso de informação e o avanço tecnológico. [Darnton](#) (2010) destaca que a solução para essa problemática poderia ser uma biblioteca sem livros. E que isso não deve ser encarado como exagero, e sim uma realidade no futuro das bibliotecas dando como exemplo o *Google Books*. Substituir-se-ia as estantes de livros por "terminais de computadores com acesso a banco de dados gigantescos, e os leitores encontrariam o que desejassem utilizando mecanismos de busca perfeitamente afinados pelos algoritmos mais recentes" ([Darnton](#), 2010, p. 61).

Deve-se perceber que, embora a evolução das tecnologias leve as bibliotecas rumo à desmaterialização da informação e do conhecimento, isto não significa que seu desaparecimento está próximo, apenas faz parte de uma metamorfose que as bibliotecas, como instituições sociais, vem sofrendo ao longo do seu desenvolvimento. Na sociedade atual, o indivíduo está fadado a ter "a sensação de se estar sobrecarregado de informações, impotente perante a necessidade de encontrar material relevante em meio a uma montanha de futilidades" ([Darnton](#), 2010, p. 61). As bibliotecas ao longo do tempo mostraram-se o recinto perfeito para se encontrar informações úteis e confiáveis. [Darnton](#) (2010) reconhece que diante de um ambiente de mudanças tão velozes das tecnologias, empresas costumam entrar em declínio na mesma velocidade, e que o próprio Google pode vir a sucumbir diante de uma tecnologia superior, tornando assim seu banco de dados obsoleto, como aconteceu com as fitas VHS, disquetes e CD-ROMs. Aparatos tecnológicos vêm e vão, enquanto bibliotecas de pesquisas duram séculos.

Para [Jeanneney](#) (2006) não há motivos para preocupar-se com o desaparecimento dos livros impressos, dos livreiros, tão pouco das bibliotecas. Segundo o autor em cada momento que surge uma nova mídia profetiza-se o desaparecimento ou falência das precedentes. No início do século XX acreditava-se que a mídia impressa seria substituída pelo rádio que posteriormente seria extinto pela televisão, em seguida o correio desapareceria diante do e-mail. No entanto, essas profecias não foram concretizadas e a diversidade das mídias e suportes informacionais é cada vez maior. Ao longo do tempo as bibliotecas mostraram-se como uma forma segura de se preservar e disseminar o conhecimento. Diante disto as possibilidades de ameaças que poderiam acarretar no seu desaparecimento só poderiam tornar-se reais a partir do desenvolvimento de mecanismos mais eficientes e democráticos. Hoje, temos muitas ferramentas que facilitam o armazenamento e até a disseminação da informação, mas esses mecanismos, na sua maioria estão distantes de serem considerados democráticos.

### **A ameaça do Google Books**

Sem dúvidas, uma das maiores polêmicas a respeito do ambicioso projeto da gigantesca empresa de informática Google de digitalizar livros impressos, diz respeito à possibilidade do desaparecimento de instituições como as bibliotecas tradicionais de pesquisas. A empresa inicia o *Google Books* sob a argumentação do desejo de criar a maior biblioteca digital mundial, – em defesa da missão da empresa, alimentando o sonho secular da biblioteca universal, tão almejadas desde Alexandria. Não há dúvidas a respeitos das possibilidades desta empresa realmente deter meios que possibilitem concretizar este sonho. No entanto, partindo de uma empresa de interesses privados, – que tornou seus sócios milionários ao descobrir o real valor da informação para a sociedade, há que se ter prudência em aceitar que o verdadeiro interesse do Google com seu projeto de digitalização seja democratizar a informação e o conhecimento de forma universal.

Para [Barron](#) (2011) Larry e Sergey foram felizes em perceber que a maior parte das informações mais

úteis para o mundo estava trancada no interior de livros, presos também aos limites físicos e estruturais das bibliotecas. Logo, não importaria o quanto poderoso fosse a tecnologia de busca, se o material que contém a informação não está em uma forma digital detectável. Na verdade, Larry e Sergey perceberam o quanto lucrativo seria transformar as bibliotecas em empreendimentos comerciais. Vale ressaltar, que a princípio as bibliotecas públicas ao redor do mundo ofereciam seus acervos para digitalização gratuitamente, e posteriormente para ter acesso completo ao banco de dados do *Google Books* deveriam pagar pelo acesso à empresa norte-americana. Do ponto de vista de [Darnton](#) (2010) a maior ameaça que o Google pode oferecer é criar de fato a maior biblioteca digital, que eventualmente poderia vir a tornar-se um gigantesco monopólio do acesso à informação e ao conhecimento. Tendo em vista, as reais pretensões da empresa em cobrar pelo acesso as informações contidas no seu banco de dados.

Na sua essência o *Google Books* não ameaça diretamente a existência das bibliotecas, principalmente públicas, tanto quanto a questões econômicas que assolam o mundo globalizado. No geral, o projeto tem afetado diretamente o mercado editorial, diminuindo de forma agressiva a lucratividade das editoras e dos autores. Apesar dos supostos esforços que a empresa tem feito para adequar o serviço à realidade ortodoxa do mercado editorial tradicional. Na Grã-Bretanha, desde a década passada as bibliotecas públicas estão constantemente sob graves ameaças de fechamento. Do ponto de vista de [Lakhani e Dutta](#) (2011) os economistas não conseguem perceber a importância social, cultural e principalmente educacional das bibliotecas.

Não há dúvida que são vários os fatores que prejudicam a existência das bibliotecas. No entanto, o *Google Books* está sob as sombras das questões econômicas que prejudicam de forma substancial a existências de muitas bibliotecas ao redor do mundo. Nenhum outro fator interfere mais na existência dessas instituições se não as questões econômicas peculiares de cada sociedade.

Apesar de todos os desafios que afetam a existência das bibliotecas, não há dúvidas, que nenhum fará com que as bibliotecas deixem de existir. O Tempo tem demonstrado de forma clara que nem mesmo a evolução tecnologia afeta sua existência, pelo contrário, a tecnologia mostrou-se como um grande aliado no processo evolutivo das bibliotecas, fazendo parte fundamental do seu futuro.

### **Direitos autorais em questão**

Nos últimos anos o *Google Books* tem tomado um lugar de destaque na mídia internacional, especialmente quando se considera o número surpreendente de ações judiciais que lhe tem sido interpostas devido acusações de violação de direitos autorais. No geral, Editores e Autores acusam a empresa norte-americana de não respeitar os limites impostos pela legislação de direito autoral. Segundo [Barron](#) (2011) o Google acredita que seu projeto de digitalização opera inteiramente de acordo com a lei de direitos autorais. Entretanto, é evidente que a empresa aproveitou-se da situação para digitalizar obras sem prévia autorização dos seus proprietários legais.

[Newman](#) (2011) acredita que o Google tira proveito da ausência de legislação adequada para amparar os direitos de autores e editores de acordo com a realidade tecnológica que o mundo contemporâneo apresenta. Para o autor o plano de criar uma gigantesca biblioteca digital não envolve apenas trazer um valor adicional para informações on-line, mas também fazer do motor de busca do Google uma ferramenta mais abrangente e dominante.

Há uma enorme polêmica que gira em torno da possibilidade do Google tentar tirar proveito da digitalização em massa de livros na ausência de uma legislação específica que ampare de forma concreta todas as partes envolvidas, sejam autores, editores e até mesmo o público consumidor, que sob o ponto de vista da empresa é o maior beneficiado neste projeto. A solução encontrada pela empresa para os impasses que o *Google Books* tem estado envolvidos nos últimos anos foi a criação de acordos entre as partes envolvidas. Estes acordos têm eliminado a maioria dos processos que o Google está envolvido

### **Acordos**

Em meio à guerra entre o Google e associações de autores e editores, a França mostrou-se como o país europeu que mais batalhou para assegurar os direitos legais destas classes, tornando-se o principal obstáculo no caminho da empresa norte-americana. No entanto, a empresa conseguiu fechar acordos de cooperação com algumas das principais editoras francesas, mas ainda há processos tramitação, como os movidos pelas editoras *Albin Michel, Flammarion e Gallimard*, onde a dificuldade de fechar

acordos é enorme. Com os britânicos não poderia ser diferente, no final de junho de 2011, o Google assinou um acordo com a *British Library*, a biblioteca nacional do Reino Unido, para digitalizar uma parte do seu acervo, por volta de 250 mil livros editados entre 1700 e 1870, que fazem parte das coleções que não estão amparadas por direitos de autor ([Vermelho](#), 2011). Nos Estados Unidos, os conflitos são constantes, e o *Google Books* vive em meio a grandes polêmicas. No início do ano passado, o juiz Denny Chin do Tribunal Federal de Manhattan, suspendeu a digitalização de livros pelo Google e rejeitou o acordo que a empresa pretendia realizar com um grupo de autores e editores ([Darnton](#), 2011). No entanto, neste mesmo ano o acordo acabou por ser fechado baseando-se nas decisões francesas. Mesmo em meio a uma avalanche de ações judiciais a empresa não desiste do projeto de digitalizar todos os livros já publicados no mundo. E a cada ano aumenta o valor dos investimentos neste ambicioso empreendimento, não medindo esforços para concretizar o até então sonho secular da biblioteca universal em uma versão digital.

### Obras órfãs

O maior impasse na polêmica dos direitos autorais quando trata-se de *Google Books Search* diz respeito ao curioso caso das “*obras órfãs*”. Estima-se que 75% do total de obras que a empresa se propôs a digitalizar na sua fase inicial sejam compreendidas como obras órfãs, o restante está dividido em obras em domínio público, cerca de 16%, e 9% de obras protegidas que encontram-se à venda (Lessig, 2010 apud [Alves; Rodrigues](#), 2010).

O conceito de obras órfãs muitas vezes aparenta ser complexo e confuso. Na prática são “*obras que, embora integrem o rol de proteção do ordenamento, não se encontram mais disponíveis comercialmente ou mesmo publicadas pelos detentores de seus direitos, que muitas vezes não são identificados ou localizados*” ([Alves; Rodrigues](#), 2010).

O fato *copyright* das obras órfãs está em vigor não limita o desenvolvimento do projeto, pois os detentores dos direitos destas obras são desconhecidos, ou seja, não há quem se manifeste a respeito de cobranças de pagamento de direitos das referidas obras. Isto tem facilitado com que a empresa obtenha determinadas vantagens, apropriando-se destas “*obras sem donos*” conhecidos. A metodologia do *Google Books* de digitalizar o máximo de obras que lhes fossem fornecidas, para depois reconhecer seus reais detentores facilitou que o projeto atingisse patamares surpreendentes. No entanto, a empresa no decorrer do desenvolvimento vem sofrendo duras críticas da concorrência, pela falta de ética e por se aproveitar da ingenuidade das legislações que amparam os direitos autorais neste novo cenário global tecnológico.

### Considerações Finais

O Google começa sua jornada sob a argumentação de estar disposto a organizar todas as informações do mundo e torna-las universalmente acessíveis e úteis. Partindo da organização da informação em meio digital, a empresa não demorou muito para perceber que os conteúdos mais relevantes para a humanidade estavam disponíveis, na sua maioria, em livros encastelados aos limites das bibliotecas. Logo, a empresa desenvolve um projeto ambicioso e rentável que não poderia passar despercebido diante os olhos da sociedade.

Recheado de controvérsias, o projeto intitulado *Google Books Search* acumula polêmicas, na sua maioria por atropelar questões legais referentes aos direitos de autores e editores, assim como tirar proveito dos acervos das maiores bibliotecas públicas espalhadas pelo mundo. Seus idealizadores, Larry e Sergey ao perceber o verdadeiro tesouro que se guardara entre as paredes das bibliotecas, não poderiam perder tempo em pôr as mãos nesta riqueza imensurável. O projeto acumula números surpreendentes, ultrapassando os patamares de milhões de livros digitalizados em um intervalo de tempo jamais visto antes. Como consequência desses avanços significativos o *Google Books* transforma-se na maior biblioteca digital existente, colocando em xeque a necessidade da permanência das bibliotecas tradicionais.

Naturalmente, o *Google Books* não seria um fator que poderia transformar as bibliotecas tradicionais em uma espécie de extinção. Pois o próprio projeto depende dos acervos de grandes bibliotecas públicas. Entretanto, há necessidade de se ter prudência quanto as reais pretensões e os patamares que o projeto ainda pretende atingir. O projeto inseriu as bibliotecas tradicionais em um cenário de novas realidades e demandas. Depois da implementação da biblioteca digital do *Google Books Search* o

conceito de biblioteca foi naturalmente renovado. A empresa mostrou por meio da sua audácia apoiada as novas possibilidades tecnológicas, como pode-se transformar e revigorar a riqueza intelectual que por muitas vezes perecem em prateleiras de grandes bibliotecas.

## ***Bibliografia***

ALVES, Marcos Antônio Sousa; RODRIGUES, Mateus Marconi. O projeto Google Books e o direito de autor: uma análise do caso Authors Guild et al. v. Google. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI, 19.,2010, Fortaleza. Anais Eletrônicos... Fortaleza: CONPEDI, 2010. Disponível em:  
<<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3652.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

ARAÚJO, Elisa. 'O livro não vai acabar porque ele é tão definitivo quanto a roda'. 2010. Disponível em:  
<[http://www.bluebus.com.br/show/2/96671\\_o\\_livro\\_nao\\_vai\\_acabar\\_porque\\_ele\\_tao\\_definitivo\\_quanto\\_a\\_roda](http://www.bluebus.com.br/show/2/96671_o_livro_nao_vai_acabar_porque_ele_tao_definitivo_quanto_a_roda)>. Acesso em: 26 jan. 2012.

ASSOCIATION OF AMERICAN PUBLISHERS. Publishers Sue Google Over Plans to Digitize Copyrighted Books. Wednesday, 19 October 2005. Disponível em: <<http://publishers.org/press/46>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

ASSUNÇÃO, Renato Vieira da. Biblioteca digital: um fenômeno em rede. 2011. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicada, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

BARRON, Peter. The Library of the future: Google's vision for books. Learned Publishing, v. 24, n. 3, p. 197-201, July 2011. Disponível em: <<http://www.atlantis-press.com/ulb/ULB-Google-view.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra.

CODINA, Lluís; ABADAL, Ernest. Anatomía de Google Books: un proyecto de biblioteca digital en la encrucijada. Bid: textos universitaris debiblioteconomia i documentació, n. 24, juny 2010. Disponível em:  
<<http://www.ub.edu/bid/24/codina2.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

DARNTON, Robert. A Digital Library Better Than Google's. The New York Times, 23 march, 2011. Disponível em:  
<<http://www.nytimes.com/2011/03/24/opinion/24darnton.html>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. A Questão dos livros: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Tradução de Andre Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOOGLE. Google Books Search. Disponível: <<http://books.google.com.br/intl/pt-BR/googlebooks/history.html>>. Acesso em: 01 de jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Google Checks Out Library Books. Disponível em:  
<[http://www.google.com/press/pressrel/print\\_library.html](http://www.google.com/press/pressrel/print_library.html)>. Acesso em: 15 dez. 2011.

JACKSON, Joab. Google: 129 Million Different Books Have Been Published. 2010. Disponível em:  
<[http://www.pcworld.com/article/202803/google\\_129\\_million\\_different\\_books\\_have\\_been\\_published.html](http://www.pcworld.com/article/202803/google_129_million_different_books_have_been_published.html)>. Acesso em: 21 dez. 2011.

JEANNENEY, Jean-Noël. Quando o Google desafia a Europa: em defesa de uma reação. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

LAKHANI, Nina; DUTTA, Kunal. Overdue! The fight to save our libraries begins. The Independent, 16 January 2011. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/news/overdue-the-fight-to-save-our-libraries-begins-2185826.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

LIBRARY OF CONGRESS. Library of Congress Launches Effort to Create World Digital Library, November 22, 2005. Disponível em: <<http://www.loc.gov/today/pr/2005/05-250.html>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

NEWMAN, Jenna. The Google Books Settlement: A Private Contract in the Absence of Adequate Copyright Law. Scholarly and Research Communication, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.srconline.ca/src/index.php/src/article/view/29/47>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

PEREZ, Juan Carlos. In Google Book Settlement, Business Trumps Ideals. 2008. Disponível em:  
<[http://www.pcworld.com/businesscenter/article/153085/in\\_google\\_book\\_settlement\\_business\\_trumps\\_ideals.html](http://www.pcworld.com/businesscenter/article/153085/in_google_book_settlement_business_trumps_ideals.html)>. Acesso em: 21 dez. 2011.

PFANNER, Eric. In France, Publisher and Google Reach Deal. The New York Times, August 25, 2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/08/26/technology/google-reaches-deal-with-2nd-french-publisher.html>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

VERMELHO. Google avança com a digitalização de livros na Europa. 2011. Disponível em:  
<[http://www.vermelho.org.br/ap/noticia\\_print.php?id\\_noticia=161084&id\\_secao=11](http://www.vermelho.org.br/ap/noticia_print.php?id_noticia=161084&id_secao=11)>. Acesso em: 21 jan. 2012.

### **Sobre o autor / About the Author:**

1) Renato Vieira da Assunção e 2) Cley Arthur Miranda Reis

[renato.assuncao@icsa.ufpa.br](mailto:renato.assuncao@icsa.ufpa.br) e [Cley.reis@icsa.ufpa.br](mailto:Cley.reis@icsa.ufpa.br)

1) Especializando em Gerenciamento de tecnologias da informação na Escola Superior da Amazônia. Bacharel em Biblioteconomia e discente do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará.  
2) Discente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.